



**Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de lançamento de edital de licitação para o Aeroporto Industrial de Campinas e anúncio de melhorias urbanas para a comunidade do entorno de Viracopos**

**Campinas-SP, 06 de abril de 2006**

Excelentíssima senhora Tarja Halonen, presidente da República da Finlândia,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Aloizio Mercadante, senador e líder do governo no Senado,

Meu caro Hélio de Oliveira Santos, prefeito da cidade de Campinas,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva da Finlândia,

Tenente-brigadeiro-do-ar José Carlos Pereira, presidente da Infraero,

Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Deputados federais Jamil Murad, João Hermann e Luciano Zica,

Meu caro Juan Quirós, presidente da Apex,

Senhores prefeitos Angelo Perugini, de Hortolândia; José Antonio Bacchin, de Sumaré; Eduardo Tadeu Pereira, Várzea Paulista;

Senhoras e senhores empresários,

Se eu esqueci algum prefeito é porque não está aqui na minha nominata, desculpem.

Meus queridos moradores e moradoras dos bairros próximos ao aeroporto de Viracopos,

Funcionários e funcionárias da Infraero,

Trabalhadores e trabalhadoras do aeroporto de Campinas,

Meus amigos da imprensa,

Empresários,



Meus amigos e minhas amigas,

Ontem, eu tive uma das maiores emoções que um homem pode ter na sua vida pública ou fora dela. Ontem, às 19h10, eu falei com o nosso astronauta que está a 350 quilômetros acima de nós. E foi uma emoção porque o Brasil, pelo que representa no cenário econômico mundial, pelo que representa no cenário político, há muito tempo reivindicava o direito de fazer experiências, pesquisas, no espaço.

Esse nosso astronauta, o tenente-coronel Marcos, ele estava preparado para fazer um vôo numa nave americana e que não foi possível, foi suspenso, adiado o lançamento, e eu tive o prazer de recebê-lo por ocasião do adiamento. Era um jovem com uma vontade extraordinária de cumprir a tarefa para a qual ele tinha se preparado. E nós, então, resolvemos fazer convênio com o Departamento Espacial russo, para que ele fizesse esse vôo. E eu penso que a alegria dele – e ele disse na televisão ontem – quando passava, quando a terra passava embaixo dele e ele conseguia visualizar o território brasileiro, ele disse que a emoção é tão grande que um ser humano não é capaz de medir a sensação que sente.

E a segunda emoção que eu tive ontem foi a visita à fábrica da Ford, em Camaçari, na Bahia, e a inauguração da fábrica de pneus Continental.

Meus caros deputados, meu caro Aloizio Mercadante, meu caro prefeito, a emoção era porque há muito tempo eu não via uma quantidade de jovens, com média de idade de 23 anos e 24 anos, de trabalhadores contratados, treinados para ser orgulhosamente elogiados em qualquer parte do mundo, como a mão-de-obra mais qualificada que essas indústrias multinacionais têm, em todos os países em que elas têm suas filiais. E quando a gente vê um menino daqueles preparado para o mercado de trabalho e a gente vê um menino daqueles preparado na sua formação profissional, com emprego



garantido, a gente fica imaginando que haverá um dia neste país em que nós teremos menos Febem e mais indústria, menos Febem e mais escola.

Porque o resultado dessas crianças e adolescentes que, muitas vezes, nós vemos na televisão e ficamos horrorizados com as cenas, nós deveríamos ficar um pouco horrorizados conosco mesmos, porque essa meninada é o resultado do descaso que ao longo de tantos e tantos anos, no Brasil, nós tivemos em cuidar da educação deste país. O dia em que cada governante deste país admitir, na sua consciência e na sua alma, que cada tijolo que a gente colocar para gerar uma escola e para gerar um emprego, a gente não precisará colocar um tijolo para criar uma Febem ou uma prisão, nós temos que fazer essa opção para a gente poder saber que país nós teremos daqui a 15 ou 20 anos.

Eu estou dizendo isso num momento altamente promissor. Eu não me canso de dizer que no Brasil nós temos os pessimistas de plantão. Aqueles que se levantam de manhã, sem querer enxergar a realidade e dão palpites e mais palpites que viram manchetes e mais manchetes de coisas que, na verdade, não estão acontecendo. São coisas que eles gostariam que acontecesse porque no Brasil tem gente que não se contenta em ver alguém fazer mais do que eles. Tem gente que não se contenta que as coisas dêem certo.

Eu me lembro de uma história famosa, na década de 40, aqui em São Paulo, quando um governador, aqui em São Paulo, o João Herrmann deve lembrar disso, quando o governador tentou construir uma escola em Sertãozinho, que até então era um subdistrito de Ribeirão Preto, e uma escola de qualidade como tinha, não sei se D. Pedro II, em Ribeirão Preto, mas que era uma escola de elite, do ponto de vista não de elite apenas econômica, mas de elite de conteúdo, de eficiência. E esse governador, ao tentar construir uma escola no subdistrito de Ribeirão Preto, não estava tirando nada do povo de Ribeirão Preto, apenas dando uma oportunidade ao povo de Sertãozinho. Houve uma gritaria contra esse governador porque diziam que ele estava



gastando dinheiro para cuidar de fazer uma escola de qualidade numa cidade que nem era cidade.

Isto persiste até hoje no Brasil, tem gente que acha que o seu desenvolvimento, o seu enriquecimento necessita da pobreza de outro, que a melhora de qualidade da sua vida necessita da piora da qualidade de vida do outro. Aliás, no Brasil se habituou a dizer que a corda arrebenta do lado mais fraco. Qualquer um de nós, do mais humilde dos brasileiros ao mais público dos brasileiros, nós sabemos que esse ditado popular aparece sempre na nossa rodinha de amigos: “ah, a corda arrebenta do lado mais fraco”.

Na verdade, quem cunhou esse ditado popular foi um malandro, porque ele cunhou para tentar convencer a parte mais pobre que ela tem que perder sempre, que ela precisa sempre levar desvantagem, quando a gente poderia ter dito: “a corda não precisa arrebentar”. Por que a corda tem que arrebentar? A corda pode ficar sem arrebentar e a gente fazer com que os vários segmentos da sociedade possam viver em harmonia, cada um tendo aquilo que é possível ter naquele momento, sem que ninguém possa prejudicar ninguém na distribuição do bolo que nós temos que fazer no país.

E é isso que me traz a este Aeroporto. Quero fazer justiça ao prefeito Hélio, porque eu já conheci muitos prefeitos desta cidade e ninguém nunca me colocou este problema. O Hélio, logo que ganhou as eleições, foi a Brasília e reivindicou muitas coisas, mas duas que eu considero extremamente importantes: o hospital, que estava sendo prometido há tantos e tantos anos e que não era concluído nunca, e a outra coisa que o Hélio me dizia: “Presidente, tem uma população lá que envolve dez bairros, em Campinas, próximos do Aeroporto de Viracopos, e aquelas pessoas vão dormir toda noite assustadas porque todo mundo diz, todo santo dia, que a nova pista do Aeroporto vai tirar as pessoas dos lugares em que elas moram, Presidente. E era possível, Presidente, que ao invés de ameaçar essas pessoas, a gente desse tranqüilidade a essas pessoas porque já são pessoas pobres, já são pessoas



que têm dificuldade de sobreviver e ainda mais com o susto de que alguém vai tirá-las do seu pedacinho de terra. Aí, Presidente, não é vida, é um inferno.” Eu disse ao companheiro Hélio: Hélio, eu vou conversar com a Infraero e você pode começar a dizer ao povo dos bairros de Campinas que se for preciso fazer um aeroporto redondo, a gente faz, mas a gente não tira o povo do bairro em que ele está.

Vejam, o que nós estamos fazendo aqui, hoje, é dizer a vocês: olha, primeiro, o Aeroporto vai se transformar num extraordinário aeroporto industrial. Dezenas ou centenas de empresários brasileiros vão, aqui, poder fazer os seus investimentos, produzir produtos de alta tecnologia, com muito valor agregado, enriquecer ainda mais a região de Campinas, o estado de São Paulo e o nosso país, gerar emprego de qualidade para milhares e milhares de homens e mulheres desta região, sem importunar a vida do nosso povo. Apenas com a decisão de que nós vamos fazer a pista para o outro lado, vamos desocupar outras áreas. E nós sabemos que toda vez que a gente quer mexer em alguma coisa de aeroporto, tem problema ambiental.

O Aeroporto de Brasília, quando eu tomei posse, estava há oito anos impedido de construir a segunda pista porque havia um embargo na Justiça, porque um cidadão que tinha ocupado uma área indevidamente, depois que ocupou a área se deu ao luxo de dizer que os aviões faziam barulho e não queria que a área fosse construída lá. No Brasil é assim, quando é uma pessoa de posses que ocupa uma área, ela ainda atrapalha o desenvolvimento. Quando é um pobre, a polícia logo é chamada para tirar o pobre da área em que ele está colocado. Pois bem, nós, depois de muita briga, conseguimos concluir a segunda pista de Brasília.

E agora eu posso dizer para vocês, vai ter briga na Justiça? Vai. Eu fui construir a segunda pista do aeroporto de Vitória e um grupo de empresários do estado do Espírito Santo, que queria que eu fizesse o aeroporto em Guarapari, não em Vitória, fizeram 500 ações. Nós fomos derrotando uma por



uma e estamos concluindo a segunda pista do Aeroporto de Vitória em Vitória, não em Guarapari. Aqui vai ter ações? Justo este ano que é um ano eleitoral, Hélio? Pode-se preparar que não vai faltar quem crie caso.

Agora, o que você precisa, meu caro, é não perder a tranquilidade. A chave para você vencer adversários truculentos é ter tranquilidade, porque nós vamos fazer a segunda pista, o povo vai ficar e não apenas ficar. Está aqui o Ministro das Cidades, está aqui a Presidente da Caixa Econômica Federal, não é apenas ficar do jeito que está. Foi assinado o contrato para construir mil casas, através do programa PAR que é um processo de arrendamento em que a pessoa paga como se fosse um aluguel e depois a casa fica para ela. Eu disse ao Hélio para preparar, dentro dos próximos 15 dias, um projeto para melhorar as habitações e levar à Brasília para a gente poder colocar o dinheiro. Já tem o projeto pronto, sendo analisado pelo Ministro das Cidades para a questão de água e saneamento básico nesta região, e o programa da luz, que eu vi que foi assinado ali.

Ou seja, significa que, quem sabe, no ano que vem, sendo presidente ou não, o Hélio eu sei que será prefeito, mas no ano que vem, quem sabe, a gente volte aqui para visitar este bairro com luz, com água encanada, com saneamento básico, muita gente com casa nova, apenas para dar o sinal. No Brasil, pobre não é mais tratado como cidadão de segunda classe, pobre é tratado com o respeito que qualquer ser humano precisa ser tratado e que a Constituição permite e obriga que seja tratado.

Esses empresários que vão participar do aeroporto industrial serão empresários abençoados e privilegiados, porque nós vamos botar num aeroporto extraordinariamente importante, numa região onde tem um predomínio de conhecimento tecnológico extraordinário, porque Campinas não é só Carlos Gomes, que já é por demais importante para o nosso orgulho, mas Campinas é uma cidade tecnológica, é uma cidade preparada, afinal de contas, é uma cidade que tem a Unicamp, é uma cidade que tem a PUC, fora outras,



vou falar apenas dessas duas. É uma cidade que tem mão-de-obra extremamente qualificada, portanto, os empresários sabem que ao participar da concorrência para instalar uma fábrica aqui, eles vão poder garantir o crescimento da sua indústria, o crescimento da sua exportação, mais valor agregado ao seu produto e, portanto, vão ganhar mais dinheiro. E a contrapartida é gerar empregos para essa quantidade enorme de pessoas que precisam trabalhar no país.

A segunda coisa que eu acho extremamente importante é o momento que nós estamos vivendo hoje. O Aloizio Mercadante, que é um dos mais extraordinários economistas deste país e que sabe tratar de números como poucos tratam neste país... Ontem, eu ouvi uma notícia boa. A indústria automobilística cresceu 9% em relação a março do ano passado. Mas eu já tinha ouvido uma notícia boa: no mês de fevereiro nós crescemos 1,2% diante de janeiro e mais importante, no primeiro bimestre de 2006, nós crescemos 4,2% sobre o primeiro bimestre no ano passado. As informações que eu tenho é que a economia vai crescer de forma sólida, exatamente do jeito que nós programamos e temos falado.

Nós não queremos dar um salto de crescer 10% num ano e cair para 1%. Nós queremos crescer entre 4 e 5%, mas de forma sólida durante 10 ou 15 anos, para que o Brasil deixe de ser um país emergente e passe a ser um país definitivamente desenvolvido. Isso será possível se a gente continuar fazendo as coisas com seriedade.

Eu digo sempre, Aloizio, que em economia não tem mágica. Em economia não tem aquele negócio de você levantar de manhã e dizer: eu pensei um plano, esse plano vai ser fantástico e eu vou anunciar. Por exemplo, tem gente que fala assim para mim... eu recebo muita gente, Aloizio, se queixando que a moeda brasileira está muito forte, que o câmbio está muito baixo e que, portanto, está dificultando as exportações. Eu ouço isso todo dia. Aí, quando é dia 2 de abril, me liga o Furlan, do Rio de Janeiro: "Presidente,



uma boa notícia.” Qual é a boa notícia? “Presidente, exportamos 11 bilhões, 336 milhões de dólares no mês de março, é recorde de toda a história brasileira num único mês. Mais importante, Presidente, também batemos recorde das importações, 7 bilhões, 656 milhões. Outra coisa importante, Presidente, batemos recorde no fluxo mensal de importação, é a primeira vez que nós chegamos a 19 bilhões e 53 milhões de dólares num único mês. Mas outra notícia importante, Presidente, nós tínhamos previsto no PPA chegarmos a um fluxo de exportação, a um fluxo na nossa balança comercial, entre exportação e importação, de 215 bilhões de dólares, em 2007, em março de 2006 nós já chegamos a 200 bilhões de dólares.”

Ora, eu, então, tenho dito aos empresários: olha meus filhos – quando a gente tem 60 anos a gente trata todo mundo de meus filhos – o negócio é o seguinte: vocês sabem que o câmbio tem que ser flutuante. Não há possibilidade do país dar certo se a gente tentar inventar uma lógica do câmbio. Aqui, nós inventamos uma vez. Em 1998 o mercado resolveu o problema, quando resolveu se dizer neste país que o real valia mais que um dólar. E na Argentina quando se dizia que o peso era igual a um dólar. Quando você tenta contar uma inverdade dessas ou criar uma condição marcoeconômica, que não tem base sólida de sustentação. Quando a mentira esvai-se, o prejuízo fica e o Aloizio Mercadante sabe que este país quebrou duas vezes.

Bem, eu tenho dito para as pessoas: o que vai regular o câmbio no Brasil são duas possibilidades. Primeiro, o que está acontecendo já, da taxa de juros ir caindo, e vai caindo. Segundo, a gente manter a inflação altamente controlada, porque quem quer inflação alta neste país é quem vive de especulação. O trabalhador brasileiro, que recebe um salário no final do mês, a ele não interessa a inflação, porque ela corrói o seu poder de compra. O que é gostoso é ver um trabalhador na televisão mostrar que ele agora está podendo comer um quilo de filé mignon. O que é gostoso é ver um trabalhador dizer que



agora está comprando um saco de cimento por R\$ 9,50, que custava RS 23,00. O que é gostoso é a gente ouvir dizer... o que dá prazer na vida pública é a gente ver uma dona de casa dizer: eu pagava o arroz Tio João a R\$ 13,00, Presidente, em 2003; agora eu estou pagando R\$ 4,90 ou R\$ 5,00, em um pacote de cinco quilos.”

Então, é essa manutenção da estabilidade que vai garantir que o câmbio se ajuste de acordo com a necessidade que precisa ter. Então, a redução de juros, a manutenção da estabilidade econômica e o aumento das importações brasileiras... o Brasil precisa aumentar a suas importações, sobretudo a importação de bens de capital. Nós temos que comprar máquinas novas para poder modernizar a nossa indústria, para ganharmos mais competitividade, porque do jeito que nós estamos, nós estamos exportando muito. E aí tem dólar demais, e aí não adianta só o Banco Central comprar dólar que não resolve.

Aloizio Mercadante, você sabia que a Petrobras, nunca, na sua história, em mais de 50 anos, nunca tinha tido superávit na sua balança comercial? Ela sempre foi deficitária, porque a Petrobras sempre teve que importar petróleo. Você sabe que agora, este ano, a Petrobras vai ter 3 bilhões de dólares de superávit na sua balança comercial? Ora, meu Deus do céu, então na medida em que entram muitos dólares, não adianta o Banco Central comprar que não vai regular, nós precisamos é aumentar as exportações brasileiras, as importações, para que a gente possa, num tripé de estabilidade econômica, de juros mais reduzidos e de maior importação, fazer a moeda chegar ao ponto de equilíbrio, sem que o presidente da República faça um decreto, uma medida provisória ou invente uma mágica de dizer: agora vai ser assim.

Porque eu recebo de manhã um empresário que exporta, e ele fala: “o câmbio está baixo”. Aí ele sai, vira as costas, vai embora e entra um que importa e fala: “o câmbio está bom”. Aí saem os dois e entra um que deve em dólar e fala: “Presidente, está ótimo assim, porque eu estou podendo pagar a



minha dívida”. Então, veja, como não dá para a gente contentar todo mundo, só Deus, a gente tem que fazer a média. Qual é a média? É o que estamos fazendo, o câmbio é flutuante e o único defeito do câmbio flutuante é que ele flutua, é o único defeito. Imagina se a bóia de uma caixa d’água não flutuasse: ou ela não encheria nunca ou ela encheria até vazar. Então, nós vamos manter essa tranquilidade. Nada, eu quero dizer aos empresários, aos trabalhadores e aos jornalistas, nada me fará, por causa de um ano eleitoral, tomar uma decisão que possa colocar em risco tudo o que nós plantamos até agora, e não foi pouca coisa, vocês sabem disso.

Agora, nós estamos vivendo um momento engraçado, esses dias eu vi um programa de televisão, não vou dizer de quem porque vocês viram. Virou moda agora as pessoas dizerem assim, Aloizio: “ah, porque São Paulo cresce mais do que o Brasil”, “ah, porque o Rio de Janeiro cresce mais do que o Brasil”. Esses dias eu fui num estado do Nordeste: “ah, porque o Nordeste cresce mais do que o Brasil”, aquele estado. Agora, é engraçado, parece coincidência, Celso, mas esses estados só estão crescendo mais do que o Brasil, quando o Brasil começou a crescer no nosso governo. Peguem o que aconteceu nos dez anos anteriores, estudem o que aconteceu de 2002 a 1994, não esperem que eu diga, não, peguem e vocês vão perceber que todos os estados começaram a crescer mais exatamente porque o Brasil começou a crescer mais, e em alguns estados industrializados como São Paulo, proporcionalmente, se o Brasil cai, ele cai, se o Brasil cresce, ele cresce.

A pergunta que eu faço é a seguinte: Por que não cresceu antes de nós governarmos o país? Por que não cresceu nos últimos 8 anos? Então, como está virando moda, agora Aloizio, seria importante, você que é especialista nisso, fazer um estudo para mostrar o que era, quantos desempregados aconteceram em São Paulo. Quantos? E nós tivemos uma coisa extraordinária, no mês de fevereiro, que é o mês mais curto do ano e ainda teve carnaval, nós criamos 176 mil novos empregos com carteira profissional assinada. É o maior



número de criação de emprego no mês de fevereiro desde 1992, e por tudo que eu tenho de informação as coisas estão melhorando e vão melhorar mais.

Eu queria perguntar para os empresários, para os deputados: há quanto tempo vocês não viam falar no investimento em universidades no estado de São Paulo? Qual foi a última universidade que vocês viram fazer aqui, em São Paulo? Pois bem, nós levamos curso de medicina para Santos, nós estamos criando a Universidade Tecnológica do ABC, nós levamos um braço do curso de medicina para Diadema, nós levamos universidade para Guarulhos, levamos uma para Sorocaba, não, São Carlos, e agora vamos levar para Osasco, que é uma cidade de 1 milhão e 100 mil habitantes que não tem uma universidade pública. Campinas já tem muitas universidades.

Sabe o que nós estamos fazendo, na verdade? É essa revolução que não é de curtíssimo prazo, é de médio prazo, que o Brasil precisa. Qual é a revolução? Nós estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades e universidades e estamos fazendo agora 43 extensões universitárias, levando braços das universidades federais para o interior do país, para que a gente possa dar densidade aos objetivos do Brasil de se transformar numa grande Nação, porque nenhuma nação será grande se não tiver um forte investimento na educação.

E não era à toa que eu dizia que era preciso chegar um metalúrgico à Presidência para cuidar da educação deste país. Eu não dizia isso por fanfarrice e nem por preconceito, é porque muitas vezes aqueles que tiveram chance de estudar em escola pública gratuita se esqueceram de que foi o povo trabalhador que pagou os seus estudos e que ele poderia devolver criando novas oportunidades para o povo pobre poder entrar nas universidades deste país.

E por isso criamos o ProUni. O ProUni é uma revolução na educação brasileira. Em apenas 12 meses nós colocamos 203 mil jovens a mais na universidade brasileiras, jovens da periferia que estudaram na escola pública e



que jamais teriam chance de entrar numa universidade. E com muito mais orgulho ainda, Hélio, desses 203 mil jovens, 40% são jovens afrodescendentes, são meninas e meninos negros que normalmente, no Brasil, são marginalizados e que não têm chance de ter uma oportunidade. E quando eu falo nisso, por favor, não façam biquinho ou beicinho de raiva não, vá num banco ver se você vê um negro trabalhando no balcão, vá num dentista ver se você encontra um negro, na maioria das pessoas não tem, porque essas pessoas não tiveram oportunidade e, se não tem oportunidade, não se vai para lugar nenhum.

Então, nós temos três coisas para fazer agora: é cuidar de manter a estabilidade econômica, cuidar de fazer investimentos em infra-estrutura, que estamos fazendo e, ao mesmo tempo, cuidar de atrair muita gente para ajudar a parte mais pobre da população brasileira. É com esse tripé de comportamento que a gente pode ter um país desenvolvido de forma mais justa, um país com desenvolvimento mais solidário, em que nós não queremos que o empresário ganhe menos, nós queremos que o trabalhador ganhe um pouco mais; nós não queremos tirar alguém da universidade, o que nós queremos é criar uma vaga a mais na universidade. Então, não estamos pegando alguém pelo braço e tirando: você não pode estudar. Não, está estudando? Maravilha. O que nós queremos é colocar uma carteirinha do seu lado para que outro mais pobre possa estudar. É este país que será o país do século XXI, é este país que vai transformar o Brasil, definitivamente, numa grande potência.

Nós, agora, estamos pensando, Hélio, estamos trabalhando para fazer um projeto de lei para mandar para o Congresso, nós agora queremos nos desfazer de quase todas as propriedades que o governo tem, que são inúteis. São 900 mil títulos que a gente pode distribuir assim que a gente regularizar a legislação, para não ficar dando dinheiro para cartório, dinheiro não sei para quem, ou seja, tem terrenos e tem prédios que a gente pode dar para as



peças morarem, não precisa ficar na mão da União. A gente não tem condições de administrar.

Então, eu acho, querido Hélio, pode ficar certo, a gente nunca sabe se vai estar vivo amanhã, mas eu tenho fé em Deus. Quando eu cheguei aqui o Hélio falou: “eu estou com a boca um pouco inchada, não vou poder falar.” Imagina se ele pudesse falar, então, o que tinha acontecido aqui. Eu tenho fé em Deus que você, sendo presidente ou não, vai me convidar para vir aqui, para a gente poder mostrar para esse povo o aeroporto pronto, as empresas produzindo e eles morando decentemente, no lugar que é deles.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês.